

## A prioridade da saúde

Com uma clareza sem precedentes na história da democracia portuguesa, o programa de governo para os próximos quatro anos, aprovado nas vésperas de 2000, adopta a saúde como a sua principal prioridade social.

Não faz sentido simplesmente esperar que o governo, ele só, execute a «prioridade da saúde».

Esta deve ser antes interpretada como um desafio ao conjunto da sociedade portuguesa.

É um desafio para transcender velhos hábitos e desenvolver uma cultura de análise serena, objectiva e partilhada das implicações inerentes à reforma das nossas instituições de saúde, como contraponto à falta de comunicação e à pequena-grande maledicência que mina a relação entre as pessoas e derrota a coesão necessária a qualquer mudança significativa.

É um desafio para recriar um serviço nacional de saúde próprio das sociedades pluralistas deste virar de século mas fiel aos princípios éticos e aos objectivos sociais que estão na sua origem.

O século que agora termina começou por ser o século da física e das novas fontes de energia e acabou por ser o século da biologia, da informação e da comunicação. Na transição do milénio o papel da afectividade não só na «comunicação» e na «decisão», mas também na qualidade das nossas vidas, começa a ser visto numa outra perspectiva.

Há cerca de dez anos David Owen, conhecido político inglês, médico de profissão, escreveu um pequeno livro sobre o SNS inglês. O título chamou-me particularmente a atenção — «Our NHS» (O nosso SNS).

Esta é a nossa reforma da saúde, ou não será.

Dizem-me, com frequência, que este é o tempo do indivíduo e dos seus interesses mais próximos e objectivos. Seria naturalmente distracção excessiva não

reconhecer a importância do tangível, das opções individuais e dos modos de estar da «pós-modernidade». E, no entanto, existe o português por Timor, o europeu pelos valores da democracia, o cidadão do mundo por uma globalização não exclusivamente financeira e por um planeta ecologicamente sustentável.

Julgo que é razoável esperar e querer o «nosso SNS».

No tempo da «prioridade da saúde» o ensino e a investigação em saúde assumem uma importância particularmente grande. O desafio aqui não está em fazer mais cursos e iniciar mais projectos de investigação. Está antes na capacidade de explorar novas formas de associar o conhecimento à comunicação e à afectividade.

Esta é uma aprendizagem para o futuro.

